

ANA BENTO | cocriação e interpretação

Concluiu a licenciatura em Educação Musical em 2001, e frequentou uma Pós-Graduação em Musicoterapia, tendo, paralelamente, efetuado um percurso formativo na área da pedagogia musical. Integrou a Orquestra Juvenil do Centro. Compôs e interpretou ao vivo a música dos espetáculos *Gracinda, a linda, Raiz de Memória e Mar Alto Atrás da Porta*. Orientou os grupos musicais *Tabo de Ensaio e darteRITMO* no âmbito do projeto *Entre Teias*. Diretora musical do espetáculo *Sempre em frente até amanhecer*. Orienta a oficina Primeiros Sons – 1ª Viagem ao Espaço (Casa da Música). Leciona a disciplina de Música na Escola Superior de Educação de Viseu.

GRAEME PULLEYN | cocriação e interpretação

Natural de Doncaster, no norte da Inglaterra. Em inícios de 1990 viajou para Portugal, onde formou o Teatro Regional da Serra do Montemuro, que produziu *Lobo-Wolf, El Gringo, Pizza!, As Bodas de Cândida, Estrada Nacional, Alminhas, Fénix e Kota Kota, A Eira dos Cães, Hotel Tomilho e Sucata Sisters*, entre outros espetáculos. Projetos individuais recentes incluem *Dimas, O Adolescente Míope e O Teatro Mais Pequeno do Mundo*. No Teatro Viriato desenvolve há oito anos um projeto para jovens atores. É professor de Expressão Dramática na Escola Superior de Educação de Viseu e de Escolas e Métodos de Encenação na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

RAFAELA SANTOS | cocriação e interpretação

Estreou-se como atriz em 1994, com *Greensleeves*, de Joyce Carol Oates, encenação de Jorge Silva Melo. É atriz regular no projeto Teatro Mais Pequeno do Mundo. Em Dança, participou em espetáculos de Olga Roriz e Madalena Vitorino. Participou em telefilmes e curtas e longas-metragens de cinema. Responsável pela encenação dos espetáculos *Areena, Alices, Mexe-te!, Mar Alto Atrás da Porta, Raiz de Memória, João Torto, Sonhos Rotos e Mulher Mim*. Cofundadora da companhia de teatro Amarelo Silvestre.

Porque é que nos lembramos? Se eu fechar os olhos e tentar pensar no dia de ontem consigo recordar-me de quase tudo o que fiz nesse dia, mas se tentar pensar no último ano há muita coisa que deixo escapar, e se me tentar lembrar de tudo o que fiz há dez anos atrás, então fica tudo envolvido numa espécie de nevoeiro e as memórias parecem surgir na minha mente como bóias flutuantes. É fácil esquecer e é difícil lembrar. Às vezes lembramo-nos para não nos esquecermos. Para não nos esquecermos que houve outras pessoas antes de nós que passaram por aqui e que não se limitaram a viver e a morrer neste lugar, mas procuraram respostas às suas perguntas e inquietações. Dessas respostas surgiram muralhas, santuários, ruas, cabanas em cima de rochas, esculturas em forma de cão. Assim, percorrer a Rua Direita em Viseu não é percorrer a Rua Direita em Viseu, é olhar para trás no tempo, para uma das principais ruas da cidade romana. Olhar para a Sé é imaginar as conversas entre D. Teresa e D. Henrique no pequeno palácio que havia antes da catedral ter sido construída. Sentar-me nos penedos é divertir-me a pensar como é que seria viver no castro lusitano construído em cima daquelas grandes rochas e pensar como as pessoas que aí viveram deveriam ser esguias, flexíveis e resistentes. Talvez seja por isso que também nos lembramos: para compreendermos o fenómeno humano que está ligado aos lugares e daí tirar um sentido para as nossas vidas. Os livros de História estão cheios de grandes ilustrações sobre o Império Romano, mostram-nos listas dos Reis de Portugal e mapas da Reconquista Cristã, mas aqui, em Viseu, podemos VER tudo isso num simples passeio pela cidade. Às vezes a rua é a melhor sala de aula!

MARIA GIL



Sostenuto Dão · Quinta do Perdigoão • **Allegro** BMC CAR • Tipografia Beira Alta, Lda. • **Moderato** Família Caldeira Pessanha • **Andante** Grupo de Amigos do Museu Grão Vasco • João Carlos Osório de Almeida Mateus • **Adágio** Amável dos Santos Pendilhe • Ana Luísa Nunes Afonso • Ana Paula Ramos Rebelo • Ana Maria Ferreira Carvalho • António Cândido Rocha Guerra Ferreira • Armanda Paula Frias Sousa Santos • Benigno Rodrigues • Fernanda de Oliveira Ferreira Soares de Melo • Fernando Soares Poças Figueiredo e Maria Adelaide Seixas Poças • Geraldine de Lemos • Isabel Pais e António Cabral Costa • Isaias Gomes Pinto • José Luís Abrantes • José Gomes Moreira da Costa • Júlia Alves • Júlio da Fonseca Fernandes • Maria de Fátima Ferreira • Magdalena Rondeboom e Pieter Rondeboom • Maria de Fátima Rodrigues Ferreira Moreira de Almeida • Maria de Lurdes da Silva Alves Poças • Marina Bastos • Martin Obrist e Maria João de Ornelas Andrade Diogo Obrist • Miguel Costa e Mónica Sobral • Nanja Kroon • Patrícia Morgado Costa Mateiro Santos • Paula Nelas • Paulo Jorge dos Santos Marques • Raul Albuquerque e Vitória Espada • Teresa da Conceição Azevedo • Vítor Domingues • 3XL Segurança Privada Unipessoal, Lda • **Júnior** Ana Mafalda Seabra Abrantes • Beatriz Afonso Delgado • Carla Filipa Seabra Abrantes • Eduardo Miguel de Amorim Barbosa • Júlia Pereira Arede Oliveira Costa • Maria Leonor Teixeira Ferreira David Martins • Matilde Figueiredo Alves • Pedro Dinis de Amorim Barbosa.

MECENAS



Paulo Ribeiro *Diretor-geral e de Programação* • José Fernandes *Diretor Administrativo* • Paula Garcia *Diretora Adjunta* • Ana Cláudia Pinto *Assistente de Direção* • Maria João Rochete *Responsável de Produção* • Carlos Fernandes *Assistente de Produção* • Nelson Almeida, Paulo Matos e Pedro Teixeira *Técnicos de Palco* • Marisa Miranda *Imprensa e Comunicação* • Manuel Poças *Técnico de Comunicação e Imprensa* • Teresa Vale *Produção Gráfica* • Gisélia Antunes *Bilheteira* • Emanuel Lopes *Técnico de Frente de Casa* • Raquel Marcos *Assistente de Secretariado* • **Consultores** Maria de Assis Swinerton *Programação* • **Colaboradores** António Ribeiro de Carvalho *Assuntos Jurídicos* • José António Loureiro *Electricidade* • Contraponto *Contabilidade* • Paulo Ferrão *Coordenação Técnica de Palco* • José António Pinto *Informática* • Cathrin Loerke *Design Gráfico* • **Acolhimento do Público** André Rodrigues, Bruna Pereira, Bruno Marques, Catarina Ferreira, Daniela Fernandes, Franciane Maas França, Francisco Pereira, Joana Tarana, João Almeida, Luís Sousa, Margarida Fonseca, Neuza Seabra, Ricardo Meireles, Rui Guerra, Sandra Amaral e Vânia Silva.

Colaboração Técnica sem luz imagem

estrutura financiada por:



VISSAIUM

A Arqueologia é uma ciência apaixonante. O próprio ato de descobrir, de procurar, de encontrar, faz parte do imaginário de qualquer criança e também de muitos adultos.

O verdadeiro arqueólogo é aquele que quer conhecer o Homem, as suas origens, o seu modo de vida nas diversas épocas, as suas vivências. Este conhecimento das vidas passadas é feito através dos vestígios materiais que o Homem vai deixando. Restos de louça que se partiu, de uma casa que ruuiu, da sepultura que desabou, do barco que se afundou, etc, etc.

Viseu tem uma história riquíssima. A sua origem aconteceu na Idade do Ferro, cerca do séc. V a. C. Em poucos anos cresceu e transformou-se no principal núcleo populacional da região: *Vissaium*. Deste povoado temos imensos vestígios materiais: as cerâmicas decoradas, as contas de colar em vidro e as peças em bronze e ferro. Temos também peças raras como a cabeça de um cão em cerâmica que nos remete para contatos com o centro da Península Ibérica, ou alguns fragmentos de cerâmica grega, que indiciam contatos com o mundo oriental.

De *Vissaium* transformou-se na *Veseum* romana e mais tarde na *Veseo* medieval. De todos estes períodos temos vestígios e histórias para contar, para conhecer, para mostrar. Esta peça é isso que pretende. O Passado é um legado comum, de todos e para todos. É no Passado que procuramos as nossas origens identitárias. Venha conhecer a sua raiz identitária, a origem e história da cidade, de uma forma deveras interessante e divertida.

PEDRO SOBRAL

MARIA GIL | direção

Nasceu em 1978, licenciada em Formação de Atores/Encenadores pela Escola Superior de Teatro e Cinema. Tem um mestrado Intimidade e Performances Autobiográficas, pelo Departamento de Estudos de Teatro, Cinema e Televisão da Universidade de Glasgow. Como atriz trabalhou com vários encenadores nacionais e internacionais e também participou em cinema. É cocriadora do Teatro do Silêncio onde já encenou vários projetos, nomeadamente para a infância. Colabora com outros criadores em Teatro e desde 2003 tem lecionado em várias escolas do país. Em 2010 fundou a editora Elefante Azul Clarinho, com o objetivo de criar textos para cena.

PEDRO SOBRAL | consultoria património arqueológico

Licenciou-se em História, variante de Arqueologia, em 1986. Realizou as provas de Mestrado em Arqueologia em 1995. É sócio fundador da empresa ARQUEOHOJE, Conservação e Restauro do Património Monumental, onde assumiu a coordenação, em parceria com Paulo Celso Monteiro, da conceção e execução de vários espaços museológicos dos quais se destacam o Museu das Descobertas/À Descoberta do Novo Mundo, o Museu "Terra de Besteiros", em Tondela, o Museu da Escrita do Sudoeste, em Almodôvar, entre outros. Colaborou na organização de várias reuniões científicas e publicou artigos e trabalhos relacionados com aspetos variados da arqueologia em Portugal.

VISSAIUM

Produzido pelo Teatro Viriato, *Vissaium* é um espetáculo de artes performativas que convida à fruição do riquíssimo património arqueológico de Viseu através de um percurso que reflete a importância da cidade na construção da identidade nacional.

Ao longo de um trajeto entre a Rua Direita e a muralha romana da Rua Formosa são descobertas pedras antigas, sítios arqueológicos ainda por escavar e artefactos que contam histórias de um lugar que foi desde sempre partilhado por muitos povos que por aqui viveram e deixaram a sua marca. Nesta viagem há um soldado romano que canta os *blues*, uma lusitana que sabe ler pedras e uma especialista em teorias que precisam de ser provadas porque, afinal de contas, os arqueólogos têm, sobretudo, dúvidas e a história não é uma ciência imutável.



SUGESTÃO PEDAGÓGICA

- #1. Constrói uma coleção de sons da tua cidade;
- #2. Discute para que serve a História/Arqueologia;
- #3. Guarda uma memória numa caixa e enterra-a;
- #4. Cria uma banda;
- #5. Escreve uma carta para ti próprio quando tiveres 30 anos;
- #6. Passeia pela tua cidade como se fosses turista.

60 min. aprox.

19 OUT
público-alvo arqueólogos e professores de história

22 OUT
público-alvo 2º e 3º ciclo do Ensino Básico

Direção Maria Gil

Consultoria Património Arqueológico Pedro Sobral

Cocriação e Interpretação Graeme Pulleyn,
Rafaela Santos e Ana Bento

Produção Teatro Viriato

Ilustração Catarina Fernandes

Construção da réplica da Ara Romana
Archeofactu – Arqueologia e Arte

Agradecimentos Leya Viseu, Museu Grão Vasco,
Museu Nacional de Arqueologia,
Regimento de Infantaria e Sagittarius

APRESENTAÇÕES EM 2014

PARA PÚBLICO ESCOLAR

13 e 20 MAR | qui 10h30 e 15h00

03 e 24 ABR | qui 10h30 e 15h00

08 MAI | qui 10h30 e 15h00

05 e 12 JUN | qui 10h30 e 15h00

PARA PÚBLICO M/8 ANOS

22 MAR | sáb 16h00

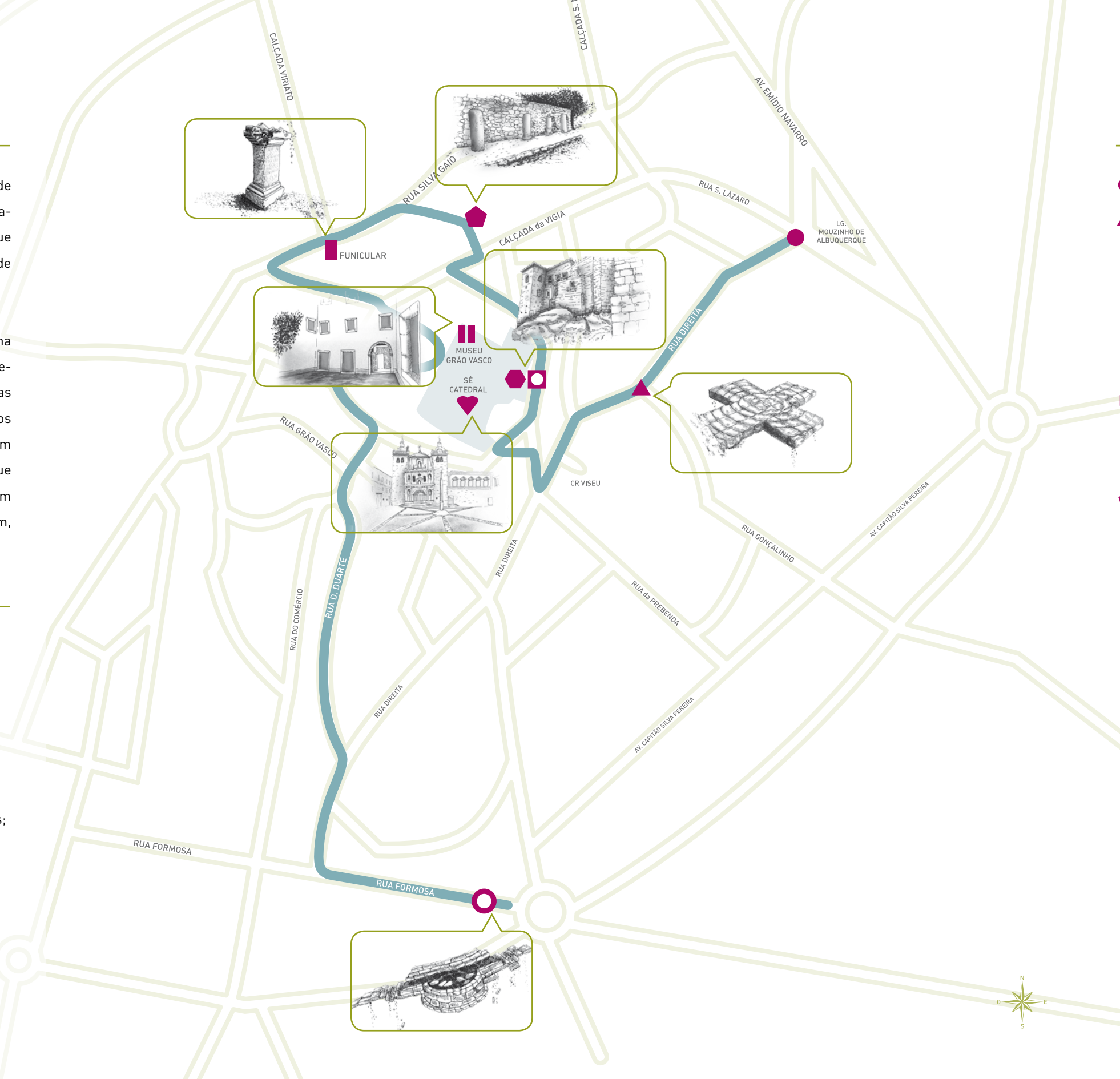
12 ABR | sáb 16h00

03 e 10 MAI | sáb 16h00

14 JUN | sáb 17h00

05 e 12 JUL | sáb 17h00

13 e 20 SET | sáb 17h00



LEGENDA

● PORTA NORTE DA CIDADE ROMANA.

▲ *CARDUS MAXIMUS/DECUMANUS MAXIMUS*

A Rua Direita é, desde há dois mil anos, o eixo viário principal da cidade de Viseu. Delineado pelos romanos, que o transformaram na *cardus maximus* da urbe, foi a Rua das Tendas na Idade Média, sendo ainda hoje uma das mais movimentadas artérias comerciais da cidade. A Rua do Gonçálvino terá sido, na época romana, a via que cruzava o *cardus maximus*. Denominado de *decumanus maximus*, esta rua tem sentido Este/Oeste e é mais sinuosa, tendo tido que se adaptar ao povoado da Idade do Ferro que já existia.

□ PENEDOS

As penedias que podemos observar nas traseiras da Sé de Viseu são as memórias preservadas de como seria todo o morro da Sé, pontilhado por estes batólitos graníticos.

◆ MARCOS MILIÁRIOS

Nos jardins da Casa do Miradouro, o maior expoente da arquitetura civil do séc. XVI da cidade de Viseu, podemos observar um conjunto de quatro marcos miliários que pertencem à coleção arqueológica "Dr. José Coelho". Nas principais vias romanas eram colocadas umas colunas em pedra com a indicação das distâncias do trajeto, expressas em milhas (1 milha = 1480m). O texto gravado regista habitualmente o nome e títulos do imperador sob cujo mandato a estrada foi construída ou reparada. As milhas eram contadas a partir da capital de *civitas*, neste caso de *Vesenum*.

■ CASTRO DA IDADE DO FERRO

Na área onde hoje está o Funicular surgiram alguns dos mais importantes vestígios arqueológicos da cidade. Em torno dos afloramentos rochosos encontravam-se os vestígios das casas da Idade do Ferro (séc. IV/III a.C.). Junto a estas casas redondas e retangulares, encontraram-se imensos silos escavados na rocha onde eram armazenados os alimentos. Mais tarde, já na época romana, esta área foi utilizada como cemitério, tendo-se encontrado várias sepulturas. Contudo, o achado mais importante foi feito na Rua da Misericórdia, próximo do que seria uma das portas da cidade romana, um altar dedicado aos deuses *vissaigenses*, mandado fazer por um homem chamado Albino. Deste modo, conseguiu-se determinar o nome da cidade pré-romana de Viseu: *Vissaium*. A evolução linguística aponta que o termo evoluiu para *Vesenum* na época romana, *Veseo* na Idade Média e Viseu de hoje.

■ TEMPLIO ROMANO

Num dos pátios interiores do Museu de Grão-Vasco, surgiram imensos vestígios da ocupação da cidade desde a Idade do Ferro. Particular importância tem a identificação dos restos de um templo romano. Deste, só se preservou parte *dopodium* feito em *opus caementicium* (um cimento que os romanos usavam) e as sapatas onde assentavam as colunas que rodeavam este monumento. Este templo fazia parte de um conjunto de outros monumentos públicos que se encontravam no *forum*, o centro político, religioso, administrativo e comercial da cidade romana.

● FORUM ROMANO

Sobre os penedos ergueu-se o *forum* romano, do qual só resta algumas paredes. Mais tarde foram alicerces do castelo medieval e, por fim, da própria Sé de Viseu.

◆ PAÇO DE VESEO

Os condes *Portucalenses*, D. Henrique e D. Teresa, residiram em Viseu durante o século XII, ocupando um palácio eventualmente edificado durante os séculos IX e X, aquando da estância da corte asturo-leonesa nesta cidade. Foi, porventura, nesse palácio que nasceu o primeiro monarca português, Afonso Henriques, num período em que a catedral românica de Viseu, sob o patrocínio dos Condes, se definia fisicamente. Hoje em dia, em virtude das inúmeras transformações arquitetónicas operadas na catedral ao longo dos séculos, identificar o palácio condal no complexo catedralício revela-se uma tarefa de difícil resolução.

○ MURALHA ROMANA

Os vestígios mais monumentais do período romano da cidade de Viseu encontram-se na Rua Formosa. Trata-se de um troço com 19 metros de comprimento da muralha Baixo-imperial, edificada em 260 d. C. Esta muralha espelha bem a preocupação que já se fazia sentir da aproximação dos povos bárbaros lá longe nas fronteiras do império. Esta muralha deveria ter tido cerca de 9 metros de altura e uma série de torreões semicirculares. Rodeava a cidade e teria tido quatro portas nos pontos cardeais. Junto a este troço de muralha identificaram-se três sepulturas de crianças.

— PERCURSO/CIDADE ARQUEOLÓGICA/A